

Inserções parentéticas: mecanismos de interação social

Luciane Braz Perez Mincoff¹

¹Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas – Universidade Estadual de Londrina (UEL)

lucianebrasyperez@yahoo.com.br, lucianebrpm@uel.br

Resumo. *A Análise da Conversação procura verificar a funcionalidade e a contribuição de recursos lingüísticos utilizados na fala capazes de promover ou favorecer a interação entre os membros das mais variadas situações de interação sócio-comunicativas.*

Desenvolvemos uma pesquisa tomando por base a contação de histórias como situação de interação social. Assim, reconhecendo a importância do ato de contar histórias para crianças, precisamos salientar a necessidade da preocupação com a maneira de contar as histórias, pois, muitas vezes, o sucesso do ato de contar histórias se dá por meio das estratégias escolhidas, das histórias selecionadas e do envolvimento do contador com história.

Ao praticarmos essa atividade, que é oral, conseqüentemente, fazemos uso de recursos específicos da língua falada, assim, utilizamos como suporte teórico-metodológico apontamentos e conceituações da Análise da Conversação. Entre os recursos da língua falada que podemos utilizar na contação de histórias podemos citar pausas, truncamentos, repetições, reformulações, correções, hesitações, paráfrases, elipses, anacolutos, digressões e parênteses. Os parênteses ocupam um lugar de realce neste trabalho, pois foi este o elemento ou recurso da língua falada que selecionamos para servir de “mola-mestra” dessa pesquisa.

Nosso objetivo com esta apresentação é divulgar o resultado de um estudo realizado acerca das inserções parentéticas em relatos orais de narrativas infantis consagradas.

Este trabalho foi desenvolvido com o cumprimento das seguintes etapas:

- a. Levantamento bibliográfico a respeito do tema, pesquisa e leituras;*
- b. seleção dos contos que constituem o corpus do trabalho;*
- c. contato com os professores/contadores e com as Instituições;*
- d. coleta das narrativas orais;*
- e. seleção das narrativas escritas, na versão clássica e nas versões atualizadas;*
- f. transcrição dos dados;*
- g. análise e discussão dos dados.*

Neste evento, esperamos que com a realização e partilha dos resultados dessa pesquisa possamos contribuir com todos aqueles que valorizam o ensino de línguas e que, como nós, buscam os mais variados meios de efetivar o encantamento pela aprendizagem de língua materna, além de poder contribuir, também, com a melhoria da qualidade de ensino, nas atividades que devem ser desenvolvidas nos ambientes educacionais.

Abstract. *The conversation analysis aims to verify the functionality and the contribution of the linguistic speech resources capable of to promote the interaction among several sociocommunication situations.*

We carried out a research into storyteller as a social interaction situation. We recognize to tell stories to children is very important, but we must search for the best way, because sometimes the chosen strategies, the selected stories and the engagement of the storyteller makes this act a success.

When we tell a story we use specific spoken language resources, so we make use of theoretic method base speech/conversation analysis concepts. The parenthesis occupies an important place in this research, it is the element or resource of the spoken language selected as a master element of this research. Our aim is to divulge the result of a study carried out into the parenthetical inserctions in oral stories of famous childish tales.

Palavras-chave: inserções parentéticas; contação de histórias; interação

1. Introdução

Reconhecendo a importância do ato de contar histórias para crianças, precisamos salientar a necessidade da preocupação com a maneira de contar as histórias, pois, muitas vezes, o sucesso do ato de contá-las às crianças se dá por meio das estratégias escolhidas, das histórias selecionadas e do envolvimento do contador com a história.

Quando praticamos essa atividade, que é oral, conseqüentemente, fazemos uso de recursos específicos da língua falada, os quais a caracterizam como tal; entre eles podemos citar pausas, truncamentos, repetições, reformulações, correções, hesitações, paráfrases, elipses, anacolutos, digressões e parênteses.

O objetivo principal deste trabalho é realizar um estudo das inserções parentéticas em relatos orais e escritos de narrativas infantis consagradas.

Realizaremos este estudo partindo da hipótese de que os parênteses são instrumentos de grande importância no que diz respeito à interação contador-texto-ouvinte e que eles contribuem para compreensão da história. Apresentamos este trabalho a respeito do uso dos parênteses na língua falada a partir da sua função textual-interativa, por meio da qual verificamos quais são os tipos de parênteses que são utilizados pelos contadores das histórias que constituem nosso *corpus* de pesquisa, qual é o objetivo, a função ou a finalidade desses recursos na fala e como esses recursos são utilizados na escrita por influência da oralidade.

2. O ato e a importância de contar histórias para o indivíduo

Abramovich (2002) afirma que, ao ouvir histórias, a criança inicia o caminho da aprendizagem para ser um leitor. A contação de histórias para as crianças é de extrema importância para a sua formação.

Na realidade, a contação de histórias é uma das atividades que mais podem contribuir com o desenvolvimento do gosto pela leitura. É claro que não podemos nos limitar à promoção de interesse pela leitura. Ao contrário, precisamos ir além disso, salientando, aqui, que a contação de histórias também pode ampliar todo o universo que envolve o processo de leitura, ou seja, por meio dessa atividade, a criança pode

estabelecer contato com textos de diferentes gêneros e estilos, que tratam de temas variados. Esse contato pode facilitar a satisfação de suas necessidades e gostos pessoais, e, também, favorecer a seleção e a escolha de livros ou de histórias que estejam de acordo com o seu desenvolvimento intelectual e psíquico. Além disso, a contação de histórias auxilia o exercício da imaginação, da fantasia e acaba por fazer um resgate de uma tradição milenar – a tradição da oralidade.

Segundo Antunes e Cavalcante (1989), a contação de história auxilia o desenvolvimento de algumas habilidades lingüísticas como ler, escrever, escutar e expressar-se.

Para finalizar este tópico, afirmamos que o ato de contar histórias é uma situação que auxilia a criança a aprender a parar, a usar os ouvidos, os pensamentos e os olhos da sua imaginação e da fantasia que existe dentro de cada um de nós.

Vejam, então, no tópico seguinte, como deve agir aquele que tem a função intermediar tudo o que as histórias possuem intrínseco à sua natureza, com todo o universo humano que pode ser encontrado ou desvendado por meio delas – o contador de histórias.

3. O contador de histórias

Segundo Tavares (1964), a pessoa que tem a função de contar histórias deve possuir o que ele chama de requisitos: é necessário que ele tenha convicção, saiba o que contar e como fazê-lo, distinga o local e o momento adequado. Com isso ele poderá encantar os que o ouvem.

Com relação à maneira de contar histórias, tanto Barcellos e Neves (1995), quanto Abramovich (2002), afirmam que é importante e necessário que haja interação entre quem conta e quem ouve a história e, para isso, pode-se recorrer a recursos da língua falada que nos possibilitam a melhoria dessa aproximação, dessa interação. Esses recursos podem ser lingüísticos, paralingüísticos e extralingüísticos, como a entonação enfática, expressão fisionômica, gestos, pausas preenchidas ou não, truncamentos, correções, reformulações, repetição, paráfrases, digressões, parênteses. Esses elementos dizem respeito especificamente a elementos constitutivos da modalidade falada da língua. Trataremos, em especial, dos parênteses, que são os recursos que mais nos interessam neste trabalho.

Vejam, então, alguns mecanismos ou recursos que caracterizam a oralidade, especificamente, e que podem nos auxiliar no sucesso da contação de histórias – os parênteses.

4. O processo de inserção parentética e a perspectiva textual-interativa – aplicabilidade na competência

Ao registrarmos nossas considerações a respeito dos parênteses ou das inserções parentéticas, podemos dizer que, segundo os estudiosos do grupo de “Organização Textual-Interativa” (do Projeto da Gramática do Português Falado), esses recursos dizem respeito a um segmento de curta extensão que vem inserido no interior do tópico discursivo, segundo Jubran (1993).

Seguindo a linha de estudos do grupo supracitado, notamos que as inserções parentéticas constituem uma perspectiva textual-interativa. E, de acordo com essa perspectiva, podemos vincular o processo de parentetização como uma manifestação de

uma competência comunicativa. Essa competência comunicativa diz respeito à capacidade de os usuários da língua poderem estabelecer a comunicação social diante da produção e da compreensão de textos que se efetivam por meio do ato comunicativo. Sendo assim, o texto, nesse contexto, é entendido como um objeto ou produto lingüístico marcado pela dinamicidade da atuação interacional, ou seja, podemos compreender o texto como um produto da competência lingüístico-comunicativa.

Assim, ao estudarmos e analisarmos os textos, em especial os falados, encontramos fenômenos lingüísticos que revelam o processo de elaboração quanto ao caráter interacional característica da língua falada. Entre os vários fenômenos lingüísticos que contribuem para a interação verbal, salientamos e escolhemos, como nosso objeto de análise em textos orais e escritos, o fenômeno das inserções parentéticas ou parênteses para analisarmos. Vejamos, portanto, algumas considerações pertinentes a esse processo.

Com relação aos parênteses, podemos dizer que esse fenômeno recebeu diferentes considerações quanto a sua natureza textual conforme foi sendo estudado por diferentes estudiosos, entre os quais estão aqueles que podem ser encontrados nas referências bibliográficas deste trabalho. Em um artigo produzido por Koch *et alii* (1989), o processo de parentetização foi definido como um fenômeno de descontinuidade na progressão temática, pois, seguindo esse ponto de vista, tinha como característica primordial um ralar na compactação das informações. Assim, a oralidade era vista como fragmentada demais, uma vez que descompactava informações, manifestando, assim, uma certa falta de planejamento do discurso, o que demonstrava ou caracterizava tal fenômeno como prejudicial à comunicação.

Em estudos posteriores, Jubran (1993) redefine as inserções parentéticas como um fenômeno de articulação de informações no discurso oral e não como um fenômeno que provoca descontinuidade na progressão temática do discurso.

Dessa forma, as inserções parentéticas podem ser classificadas, segundo a perspectiva textual-interativa, em duas modalidades:

- Com estatuto tópico, como nos casos dos tópicos paralelos que são esclarecimentos, explicações, etc., ou seja, temos um comentário que tem relação íntima com o tema em discussão, e

- Sem estatuto tópico, como nos casos de comentários nos quais o eu do locutor aparece, nos casos em que podemos encontrar marcas de retomadas, de possíveis citações posteriores, trechos esses que exemplificam melhor os parênteses.

Assim, podemos defini-los, segundo Betten (1988), como uma frase ou como o acréscimo de uma ou mais palavras, que não pertencem à seqüência discursiva que está sendo formulada, mas que, em geral, servem para esclarecer, comentar ou exemplificar o contexto no qual estão inseridas. De acordo com Jubran (1996, p.71), “os parênteses têm sido definidos como frases independentes, que interrompem a relação sintática onde estão inseridas e com a qual não apresentam conexão formal nitidamente estabelecida”. Assim, podemos notar que as definições de parênteses nos levam a pensar que eles são mais uma demonstração de diferentes estratégias de construção do texto falado, no qual podemos fazer encaixes de informações que podem melhorar a interação entre os agentes da conversação. Segundo a autora (op. cit.), os parênteses são recursos capazes de concretizar a interação na fala, uma vez que possibilitam a ampliação de informações a respeito do tópico que está sendo discutido.

Vale salientarmos, aqui, que independente da modalidade à qual pertençam, os parênteses apresentam uma gradação no desvio que as inserções manifestam para com o tópico discursivo em andamento.

Temos, portanto, diferentes graus de parentetização, graus que se apresentam mais tênues e outros mais marcados. De acordo com tal gradação, temos dois tipos de parênteses: os mais desviantes e os menos desviantes.

Os parênteses mais desviantes são aqueles que procuram assegurar as condições enunciativas mínimas necessárias para que se mantenha o vínculo com o próprio conteúdo do texto. Por outro lado, temos os parênteses menos desviantes, que são aqueles que se aproximam do conteúdo dos enunciados de relevância tópica, fazendo esclarecimentos ou dando explicações, exemplos, esclarecimentos, sem deixar de lado a apresentação de demandas pragmáticas para sua ocorrência.

Por meio dessa gradação, que vai desde uma maior proximidade com o conteúdo, até uma maior aproximação com a situação enunciativa que constitui o texto, Jubran (1999, p. 133) estabelece uma tipologia para as inserções parentéticas ou para os parênteses que se classifica de acordo com os fatores ou elementos discursivos envolvidos na perspectiva textual-interativa: (A) a construção ou elaboração tópica do texto; (B) o locutor; (C) o interlocutor e (D) o ato comunicativo.

Precisamos considerar que a disposição e o enfoque desses elementos refletem a gradação a respeito da qual falamos anteriormente.

Convém considerarmos que existe uma interrelação entre os fatores envolvidos no processo comunicativo e disso resulta a dificuldade de definir o que é primordial como foco. Portanto, enfatizamos o que registrou Jubran (1999, p. 133): “O princípio classificatório será funcional, no sentido de que a descrição dos vários tipos de parênteses ressaltará de seu uso e funcionamento em situações de interação verbal.”

Vejamos, então, a tipologia das inserções parentéticas, de acordo com cada foco.

5. Tipologia de inserções parentéticas e análise de ocorrências

Nesta parte do trabalho, apresentamos algumas das inserções parentéticas das narrativas orais (NO) e escritas (NE) que foram analisadas.

As ocorrências que poderão ser verificadas a seguir, foram separadas de acordo com a tipologia parentética à qual pertencem.

5.1. Parênteses focalizados na construção ou elaboração tópica

As inserções parentéticas com foco na construção ou na elaboração tópica são relevantes para a elaboração dos tópicos discursivos que são desenvolvidos no texto falado. Tais parênteses podem ser elaborados no sentido de manutenção de conteúdo, de formulação lingüística ou de sua construção textual. Vejamos os exemplos analisados e listados abaixo.

[1] – (NE)

1 Era uma vez uma menina aldeã; **a mais bonita de quantas já existiram.**

2 Sua mãe adorava e a avó não a amava menos. Tanto, que lhe mandou

3 fazer um chapeuzinho vermelho, o qual lhe ficava tão bem, que logo ficou

4 com o apelido de Chapeuzinho Vermelho.

Na ocorrência 1, destacamos o trecho “... *a mais bonita de quantas já existiram.*”, da linha de número 1. Esta ocorrência exemplifica um parêntese focalizado na elaboração tópica, correlacionado com o conteúdo tópico. Este parêntese é um esclarecimento que auxilia o interlocutor a obter uma informação a mais, que ela era a garota mais bonita que já existiu.

5.2 Parênteses focalizados no locutor

Os parênteses que se enquadram nessa modalidade são aqueles através dos quais podemos perceber que o locutor introjeta, no texto que está proferindo, algumas informações suas que dizem respeito ao seu papel discursivo, enquanto sujeito instanciador do ato comunicativo. Vejamos os exemplos de inserções parentéticas que caracterizam essa tipologia parentética.

[2]

251 todas as portas das casas daquela rua

252 JM - e ninguém percebeu que ela estava pintando”

253 P- **eu acho que ninguém percebeu que ela estava pintando** [[é:: ahã::]] mais

Temos, na ocorrência de número 2, um outro parêntese com foco no locutor. O trecho que salientamos, “*eu acho que ninguém percebeu que ela estava pintando...*”, demonstra claramente o aparecimento do “eu-falante”, apresentando, assim, uma situação de ego-envolvimento do locutor com o assunto. Dessa forma, é possível perceber a manifestação da opinião do locutor a respeito daquilo que ele estava narrando.

5.3. Parênteses focalizados no interlocutor

As inserções parentéticas que se enquadram nessa tipologia são aquelas mediante as quais podemos perceber a presença materializada do interlocutor. Neste tipo de parênteses, podemos notar a apresentação de algumas condições enunciativas/discursivas que possibilitam a troca, o intercâmbio informacional entre os sujeitos participantes do ato comunicativo oral. Os parênteses que pertencem a essa tipologia atendem às características que constituem a função fática da linguagem, uma vez que possuem aspecto interacional evidenciado. Vejamos alguns exemplos que selecionamos e analisamos.

[3] – (NO)

89 P- isso mesmo ouro:: moedas de ouro (+) muitas riquezas colares coroas braceletes

90 taças de ouro e muitas muitas moedas de ouro (+) tapetes caros quando viu tudo

91 isso Ali Babá saiu bem rápido buscou os burros (+) **quantos eram mesmo?**

92 T- [TRÊS]

Na ocorrência de número 3, notamos que no trecho “... *quantos eram mesmo? T- [TRÊS]*”, existe um parêntese centrado no interlocutor. Essa inserção evidencia a intenção do locutor em evocar o conhecimento partilhado entre ele e seus ouvintes, já que a informação que ele deseja obter, ele mesmo passou anteriormente. Tal ocorrência mostra um envolvimento significativo entre os participantes do ato comunicativo, haja vista que os ouvintes responderam a pergunta que lhes foi direcionada. Esse procedimento leva-nos a pensar que a interação em tal situação foi efetivada.

5.4. Parênteses focalizados no ato comunicativo em si

As inserções parentéticas que têm foco no ato comunicativo em si são aquelas que promovem um desvio tópico em grau máximo. O que ocorre neste tipo de parêntese é uma interrupção do tópico discursivo que vinha sendo discutido para introduzir um tópico discursivo que manifesta a necessidade de interação verbal. Acompanhem os exemplos registrados abaixo. Este tipo de parênteses só foi encontrado em ocorrências de narrativas orais.

[4]

73 homens que parecia ser o chefe ficou em frente de um rochedo abriu os braços e

74 gritou A: ::: BRE-TE SÉ: :::SAMO **e aí pessoal o que aconteceu?**

75 T- **[incompreensível]**

76 P- isso mesmo uma porta gigantesca começou a se abrir e os ladões entraram

77 em fila carregando um saco muito pesado nas costas (+) o Ali babá ficou esperando

Observando essa ocorrência que selecionamos “...e aí pessoal o que aconteceu? T- [incompreensível]...”, percebemos que o trecho salientado pode ser analisado segundo dois pontos de vista.

De acordo com o primeiro, dizemos que se trata de um parêntese com foco no interlocutor, o qual caracteriza a função fática da linguagem e faz uma evocação de conhecimento do tópico com o ouvinte e tenta partilhá-lo com ele.

Seguindo uma segunda possibilidade de análise, podemos classificá-lo como um parêntese que tem foco no ato comunicativo em si e expõe uma situação de passagem de turno. Essa passagem é consentida, embora não se saiba exatamente o que foi dito, mas, por meio das informações da linha seguinte, é possível percebermos que a resposta foi coerente com aquilo que o contador pretendia ouvir. Com isso, vale ressaltar que o ato comunicativo pode ser estabelecido por meio da troca de informações entre os participantes de tal ato.

6. Considerações finais

Ao desenvolvermos este trabalho, analisamos as ocorrências de inserções parentéticas de duas histórias infantis clássicas. A primeira diz respeito ao conto Ali Babá e os Quarenta Ladrões, o qual constitui o *corpus* das duas narrativas orais analisadas. A segunda história é o conto Chapeuzinho Vermelho, que compõe o *corpus* referente à narrativa escrita analisada.

Na análise, trabalhamos com a taxionomia parentética definida por Jubran (1999), tanto no que diz respeito à classificação referente à focalização da inserção parentética, quanto à classificação referente à fonte formuladora do parêntese. Não podemos deixar de registrar, aqui, o que alguns dos autores consultados já haviam colocado em discussão. Em algumas situações, não é possível definir, com exatidão, à qual tipologia textual-interativa o parêntese pertence, assim como nem sempre é possível definir se um comentário ou outro pode ser considerado, efetivamente, um parêntese ou algum outro tipo de inserção.

Ao observarmos os dados listados acima e tomando-os por base, consideramos as inserções parentéticas como recursos lingüísticos de extrema importância para o

estabelecimento de compreensão entre os participantes do ato comunicativo, seja ele de que modalidade for.

Dessa forma, vale salientarmos que, no momento da produção do discurso falado, é necessário que façamos alguns comentários que auxiliem a compreensão e, conseqüentemente, a interação entre os participantes do discurso oral.

Pensando nas realizações parentéticas relacionadas à fonte formuladora, obtivemos o resultado que já esperávamos alcançar. A tipologia parentética que se apresentou com maior intensidade e mais significativamente foram as inserções parentéticas formuladas pelo próprio falante. Afinal, cabe a ele cumprir uma responsabilidade maior no sentido de criar as condições necessárias para que haja uma compreensão elevada a respeito do assunto que está sendo apresentado e discutido por ele, o locutor.

Tomando os estudos realizados em teoria e prática, salientamos aqui que nossa hipótese de pesquisa foi confirmada, uma vez que nenhum dos parênteses formulados, selecionados e analisados enquadram-se exclusivamente na tipologia parentética definida por Jubran (1999) denominada inserção parentética focalizada no ato comunicativo em si. Isso acontece, pois, em todas as ocorrências analisadas. A formulação do mecanismo que estudamos objetiva sempre a efetivação do ato comunicativo. Assim, não é possível definirmos um tipo de parêntese que tem como foco apenas o ato comunicativo, afinal, todos os outros (parênteses focalizados no locutor, no interlocutor e na elaboração tópica) são formulados e têm sobre si uma base que é comunicação em sentido totalitário. Portanto, com base nos dados que obtivemos, consideramos que as tipologias parentéticas devem ser consideradas a partir de três focos – elaboração tópica, locutor e interlocutor, afinal, a focalização no ato comunicativo sobrepõe-se aos outros e está intrinsecamente presente neles.

Observando esses resultados, concluímos que o fenômeno de inserção parentética, tanto na narrativa escrita quanto nas narrativas orais ocorre, em maior quantidade, com foco sobre a elaboração do tópico em desenvolvimento, apresentando, assim, um grau mínimo de desvio tópico. Essa predominância das ocorrências de inserções parentéticas com foco na elaboração ou construção do tópico discursivo deve-se ao fato de que o seu papel contextualizador é maior que o das demais modalidades de parênteses.

Tendo isso em vista, não podemos ver os parênteses como segmentos isolados. É necessário dizer que esses recursos lingüísticos devem ser considerados elementos de articulação textual, pois por meio deles os usuários da língua podem estabelecer a contextualização das informações textuais, “construir” os sentidos do texto e, de uma forma mais propícia, orientar sua compreensão, favorecendo, assim, a interação entre os participantes do ato comunicativo oral ou escrito.

Sendo assim, reforçamos a idéia de que as inserções parentéticas são mecanismos de muita importância para o estabelecimento da interação na comunicação, independente da modalidade lingüística que está sendo utilizada, afinal, como pudemos constatar, por meio de informações referentes às duas modalidades, que existe um *continuum* entre uma e outra, pois, embora sejam práticas diferentes, ambas possuem a mesma estrutura e têm o mesmo objetivo prioritário – comunicar e interagir.

Aproveitamos a oportunidade para salientar aqui, a grande importância que damos ao ensino de língua falada no ensino da nossa língua materna. Acreditamos que a língua falada merece um lugar de destaque no ensino de língua e, também, cremos que a

motivação que teremos para trabalhar com essa modalidade da língua deva ser grande, tendo em vista que o aluno já chega à escola sabendo falar e domina, significativamente, a gramática da língua oral. Um outro elemento que devemos utilizar para aumentar a motivação pelo estudo da fala é que ela tem grande influência sobre a escrita, principalmente nos primeiros anos escolares. Reafirmamos que a fala tem, sobre a escrita, uma característica primária, uma vez que, em geral, aprendemos a falar primeiro do que aprendemos a escrever.

Achamos necessário dizer, ainda, que a oralidade deve ser estudada em sala de aula por ter sua própria maneira de produção, transmissão e recepção, e é a ela que recorremos na maioria das vezes que precisamos nos comunicar. E, ainda mais, quando o aluno chega à escola, ele já sabe falar, assim não caberá à escola e a nós, professores, ensiná-lo. No entanto, o que o aluno traz de casa permite-nos ampliar as possibilidades de atuação de estudos no campo lingüístico e poderemos ajudá-lo a utilizar de maneira mais eficiente a modalidade da língua falada. Os próprios Parâmetros Curriculares Nacionais levam-nos a pensar nisso, quando lá encontramos que o mais importante não é fazermos o uso correto da língua falada, mas é sabermos utilizá-la da melhor maneira, nas mais variadas situações comunicativas, reconhecendo, assim, a quem direcionamos nossa fala e por quê, a quem e como estamos dizendo o que dizemos. Afirmamos, por meio da análise realizada, que a maioria dos procedimentos de parentetização que foi utilizada contribuiu para facilitar o processo de produção, de compreensão e, conseqüentemente, de interação entre os indivíduos que participaram do ato comunicativo. Queremos, no entanto, deixar claro que é possível que, em algumas situações, as ocorrências de inserções parentéticas podem não atingir seu objetivo maior – o de facilitar a interação.

Para finalizar, esperamos que este trabalho possa ser mais um ponto de partida para aqueles que entendem que a fala e a escrita possuem entre si relações mútuas e não devem ser separadas uma da outra.

7. Referências bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: Gostosuras e Bobices*. São Paulo: Scipione, 2002.

ANTUNES, W. de Andrade; CAVALCANTE, G. de Albuquerque. *Manual de treinamento de pessoal responsável pela biblioteca pública*. Brasília: INL, 1989.

BARCELLOS, Gládis Maria Ferrão.; NEVES, Iara Conceição Bittencourt. *Hora do conto: da fantasia ao prazer de ler*. Porto Alegre: Sagra - D. C. Luzzatto, 1995.

BETTEN, Anne. Ellipsen, Anakoluthe und Parenthesen. In: *Deutsche Sprache 4*, 1976. Trad. De Fernando Cazarini. Assis, 1988.

BRANDÃO, A. L. de Oliveira. Leitura e Formação de Leitor: a experiência das bibliotecas infantis de São Paulo e os contadores de histórias. In: *Seminário Nacional sobre Literatura Infanto-juvenil, livro Didático e Participação da Comunidade na Formação de Leitores*, 2, 1995. Anais... São Paulo: Tema, p.163-173.

JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi et al.. Organização Tópica da Conversação. 2.ed. In: ILARI, Rodolfo. *Gramática do Português Falado*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1993. p. 69-82.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Inserção: um Fenômeno de Descontinuidade na Organização Tópica. In: CASTILHO, Ataliba T. (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. 3. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996. p. 61-74.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Para uma Descrição Textual-Interativa das Funções de Parentetização. In: KATO, M. A. (org.). *Gramática do Português Falado*. Vol. 5. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996. p. 339-354.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Parênteses: Propriedades Identificadoras. In: CASTILHO, A. T. e BASILIO, M. *Gramática do Português Falado*. (orgs.). Vol. 4. Campinas: Editora da UNICAMP. 1996. p. 411-421.

JUBRAN, Clélia C. A. S. Funções textuais-interativas dos parênteses. In: NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática do Português Falado: novos estudos*. Campinas: Humanitas, 1999. p. 132-144.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e Linguagem*. São Paulo: Cortez, 1989.

TAVARES, Denize. Ora, Contar Histórias... In: TAHAN, Malba. *A Arte de Ler e Contar Histórias*. Rio de Janeiro: Conquista, 1964.